

ESTUDAR OS HOMENS PARA CONHECER A CIDADE: O USO DA PROSOPOGRAFIA PARA O ESTUDO DO CLERO PAROQUIAL DE COIMBRA NA BAIXA IDADE MÉDIA (ABORDAGEM METODOLÓGICA)*

STUDYING MEN TO UNDERSTAND THE CITY: THE USE OF PROSOPOGRAPHY TO STUDY THE PARISH CLERGY OF COIMBRA IN THE EARLY MIDDLE AGES (METHODOLOGICAL APPROACH)

Maria Amélia Álvaro de Campos
Centro de História da Sociedade e da Cultura, Universidade de Coimbra

Resumo: Com base numa revisão da literatura mais especializada sobre a prosopografia e sobre a prosopografia medieval, este artigo começa por apresentar uma síntese sobre a história desta metodologia e a forma como tem sido debatida pelos historiadores. Após uma breve descrição do seu processo operativo, pesam-se as suas falhas e vantagens, destacando-se, naturalmente, os motivos pelos quais a julgamos adequada e actual.

Este artigo, que se inscreve num projecto que prevê o estudo da rede paroquial de Coimbra (séculos XIII-XV), tem como objectivo principal debater o método prosopográfico enquanto metodologia escolhida para analisar o clero paroquial da cidade, e conseguir a caracterização das paróquias por ele servidas. Com vista a enquadrar o projecto e a metodologia aqui analisada, apresenta-se também o estado da arte da aplicação da prosopografia aos temas da História da Idade Média Portuguesa.

Palavras-chave: Prosopografia, Idade Média Portuguesa, Paróquia Urbana.

Abstract: Based on a critical reading of the most specialized literature on prosopography and medieval prosopography, this paper presents, first and foremost, a synthesis of the history of this methodology and the historiographical discussion surrounding its application. After a short description of its operating procedure, its advantages and limitation are evaluated, highlighting, as would be expected, the reasons why it is adequate and current.

This paper is part of a research project that intends to study the parish network of Coimbra (13th – 15th centuries) and its main goal is to debate the prosopographic method as the chosen methodology to analyse the parish clergy of the city and characterize the parishes it served.

In order to put this project and the methodology herein under analysis into context, we also present a State of Art concerning the use of prosopography in Medieval Portuguese History research..

Keywords: Prosopography, Portuguese Medieval Ages, Urban Parish.

Recebido em: 01/02/2016

Aprovado em: 27/04/2016

* Trabalho realizado no âmbito do projecto de pós-doutoramento *Territórios, sociedades e religiões: redes paroquiais numa cidade medieval europeia. O caso de Coimbra*, financiado com uma Bolsa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, com fundos nacionais do Ministério da Educação e Ciência, com a referência SFRH/BPD/100765/2014, acolhido nas seguintes unidades de I&D: Centro de História da Sociedade e da Cultura (U. Coimbra); Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades (U. Évora); e no *Centre Interdisciplinaire en Histoire, Histoire de l'Art et Musicologie* (U. Limoges).

Na Baixa Idade Média, o clero configurava um grupo social alargado no qual, numa primeira análise, os seus elementos partilhavam os mesmos direitos e privilégios. Contudo, à parte do século e encarregues da mais importante responsabilidade junto da sociedade do seu tempo – a de interceder pela salvação dos fiéis e de mediar a relação entre estes e o divino –, formavam um estrato heterogéneo, composto das mais complexas desigualdades¹.

Ao longo das últimas décadas, os trabalhos realizados no âmbito da prosopografia do clero medieval português têm dado a conhecer a caracterização deste grupo. Esses estudos demonstram, desde logo, que a primeira razão para essa desigualdade residia na origem social dos indivíduos, antes de receberem ordens sacras. Mas factores como o poder económico, a instrução ou a formação universitária, as redes em que se inseriam, as relações de sociabilidade e de solidariedade – nem sempre decorrentes do estatuto social enquanto laicos – eram igualmente determinantes para o percurso destes homens e para o lugar que ocupariam dentro da hierarquia eclesiástica.

A médio prazo, no decorrer do meu projecto de pós-doutoramento, é minha intenção caracterizar os cabidos das colegiadas paroquiais de Coimbra, o que me permitirá reconhecer formas distintas de vivência do estatuto eclesiástico, bem como as razões de diferenciação entre os indivíduos pertencentes a este grupo privilegiado. A esse nível, será relevante: ponderar o papel destas estruturas no quadro global da Igreja e da sociedade medieval, destacando a sua relevância nos processos de mobilidade social da época; e relacionar o perfil deste(s) grupo(s) com o meio urbano e a sociedade laica que os circundava, procurando compreender as suas relações com os representantes do poder laico da cidade. Tal projecto, intitulado *Territórios, sociedades e religiões: redes paroquiais numa cidade medieval europeia. O caso de Coimbra*, prevê a organização de um quadro de investigação amplo que visa a população, o espaço urbano e a organização eclesiástica da cidade.

Neste artigo, centrar-me-ei, apenas, na metodologia escolhida para a análise da sociedade, focando a prosopografia enquanto metodologia de análise dos elementos dos

¹ Uma versão oral deste trabalho foi apresentada no XXXV Encontro da Associação Portuguesa de História Económica e Social, em Évora, no dia 13 de Novembro de 2015, no painel 10 “Níveis de riqueza medievais e modernos e desigualdade”.

cabidos das colegiadas de Coimbra. Marcando o arranque de um programa de estudos a desenvolver nos próximos anos, o objectivo deste artigo é apresentar e debater a metodologia de análise escolhida e a estratégia de investigação que se pretende pôr em marcha relativamente à sociedade. Não se pretende, portanto, apresentar resultados decorrentes desta metodologia, mas apenas debater a sua aplicação, projectando, desde já, a tipologia de informação que se julga possível alcançar no futuro.

Num primeiro momento, proponho-me apresentar brevemente as premissas em que assenta a prosopografia enquanto método de investigação. De seguida, procurarei contextualizar essa metodologia, com a exposição do seu estado da arte², focando especialmente os seus contributos para o desenvolvimento da historiografia portuguesa e para os estudos sobre a Igreja Medieval em Portugal. O objectivo principal deste trabalho será a demonstração da pertinência e da adequabilidade deste método para o estudo das comunidades eclesíásticas das colegiadas de Coimbra – estruturas que serão sucintamente apresentadas mais à frente, neste artigo. Para a prossecução desse objectivo, recorrerei à identificação de exemplos, tendo como base de apoio a população estudada durante o meu doutoramento, realizado sobre a colegiada de Santa Justa de Coimbra³.

1. Prosopografia: a actualidade de uma metodologia com mais de 100 anos

O método prosopográfico conta, nos dias de hoje, com mais de 100 anos⁴ de experiência. Começou por ser utilizado nos finais do século XIX, para o estudo das elites dirigentes do Mundo Antigo, transformando-se numa metodologia de investigação inovadora para uma cronologia histórica que, até ao momento, se vinha

² Seria impossível fazer um Estado da Arte exaustivo sobre uma metodologia com tantos anos de história. Assim a análise que apresentarei, nesse ponto do artigo, será necessariamente condicionada pelos temas privilegiados durante o meu percurso de investigação. Para a realização desse enquadramento, beneficiei da bolsa de investigação *Robert de Sorbon* (Março de 2015), no *Laboratoire de Médiévistique Occidentale de Paris*, na *Université Paris 1 – Panthéon Sorbonne*.

³ Ver CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de. *Santa Justa de Coimbra na Idade Média: o espaço urbano, religioso e socio-económico*. Coimbra: Faculdade de Letras, 2012.

⁴ O termo prosopografia remonta à Antiguidade Clássica e vários autores europeus o usaram para nomear os seus trabalhos, desde o Renascimento. O conceito de prosopografia, na aceção que lhe reconhecemos nas Humanidades contemporâneas e que estudamos neste artigo, remonta aos finais do século XIX. Para uma síntese do percurso da prosopografia, para além dos estudos que se citam de seguida, ver CABOURET, Bernadette, DEMOTZ, François. Introduction. In: CABOURET, Bernadette (ed.), DEMOTZ, François (ed.). *La prosopographie au service des sciences sociales*. Lyon e Paris: CEROR e De Boccard, 2014, p. 9-15.

desenvolvendo sobretudo com base no estudo da Filosofia⁵. Esta metodologia começou o seu caminho associada à investigação da história política, passando a ser utilizada pela história social, dada a sua adequabilidade para o estudo de processos como os que suportam a mobilidade social⁶.

De forma muito genérica, podemos dizer que a prosopografia é a investigação das características de um grupo de indivíduos com um contexto de proveniência/um vínculo comum, de modo a realizar o estudo colectivo das suas vidas/biografias. De acordo com Hélène Millet, na origem do interesse pela prosopografia, reside a convicção de que todo o indivíduo pertencente a uma população tem qualquer coisa a revelar sobre ela⁷. A população em estudo deve ser isolada de acordo com critérios pré-definidos e os dados que lhe dizem respeito deverão ser tratados segundo preceitos igualmente pré-estabelecidos – normalmente um questionário. Ao contrário da biografia colectiva⁸, em que os indivíduos a estudar compõem um grupo estanque, na prosopografia não existe um número previamente determinado para os percursos a analisar. Este constitui-se com o desenvolvimento da pesquisa.

Assim, a primeira etapa passa por decidir qual é o grupo de indivíduos a estudar. De seguida, devem escolher-se as fontes onde se julga poder encontrar a maior informação sobre eles. Após a recolha da informação biográfica, fazem-se listas de nomes, associando-lhes a informação que lhes diz respeito. Na fase final da compilação de dados, o investigador relaciona nomes e informações respectivas de modo a ligar a informação aos diferentes indivíduos. Deste modo, estabelecem-se carreiras ou percursos diferenciados⁹.

⁵ Ver VERBOVEN, Koenraad; CARLIER, Myriam, DUMOLYN, Jan. A Short Manual to the art of prosopography. In: KEATS-ROHAN, K.S.B. (ed.). *Prosopography Approaches and Applications A Handbook*. Prosopographica et Genealogica. Oxford, 13, p. 42, 2007.

⁶ Ver STONE, Lawrence. Prosopography. *Daedalus*, v. 100, n. 1, Winter 1971, p.46-47.

⁷ Ver MILLET, Hélène. Circonscrire et denombre, pour quoi faire?. In: GENET, Jean-Philippe et LOTTES, Günther. *L'état et les élites: XIII^e-XVIII^e siècles: apports et limites de la méthodologie prosopographique. Actes du colloque internationale, CNRS-Paris 1, 16-19 octobre 1991*. Paris: Publication de la Sorbonne, 1996, p. 265.

⁸ Para ilustrar o conceito de biografia colectiva Keats-Rohan dá o exemplo das *Vidas* redigidas e compiladas por Plutarco e Vasari, cfr. KEATS-ROHAN, K.S.B. Biography, Identity and Names: Understanding the Pursuit of the Individual in Prosopography. In: KEATS-ROHAN (ed.). *Prosopography Approaches and Applications A Handbook*. Prosopographica et Genealogica. Oxford, 13, p. 144.

⁹ Ver *Ibid.*, p. 139-181, especialmente p. 143-144.

Como convém a uma metodologia de investigação, os resultados da prosopografia devem construir-se com base na organização uniformizada dos dados: organização de fichas prosopográficas com o preenchimento de campos que assumem uma configuração esquemática; ou ordenação de dados através de um modelo narrativo, como as notícias biográficas. A escolha do segundo modelo faz-se sobretudo perante um grupo de estudo para o qual a informação é mais escassa. Também nestes casos, a uniformização da apresentação da informação não deve ser negligenciada, sob pena de comprometer o estudo conjunto do grupo¹⁰.

A pertinência e a actualidade da prosopografia são demonstradas pela forma persistente com que este método se tem adaptado às alterações dos interesses da historiografia; aos diferentes grupos sociais e profissionais em análise; e à evolução da tecnologia. Em 1971, Lawrence Stone escrevia um artigo pelo qual a considerava uma das mais válidas e familiares técnicas da investigação histórica¹¹. Nesse texto, depois de uma ampla análise das potencialidades e limitações desta abordagem, Stone concluía tratar-se de uma metodologia amadurecida e testada e previa a sua sobrevivência duradoura, graças ao aparecimento do computador e à sua capacidade de adaptação às especificidades dos trabalhos académicos¹².

A produção historiográfica das últimas décadas fundamentaria e demonstraria essas previsões. O manual *Prosopography Approaches and Applications a Handbook*, editado por Keats-Rohan, na Universidade de Oxford em 2007 é um exemplo do escrutínio permanente desta abordagem pelos investigadores. Nele, apontam-se as falhas e as “armadilhas” do método, mas acima de tudo demonstra-se a actualidade de uma abordagem que, quando vista como parte integrante de uma investigação mais abrangente, continua a ser a melhor forma de potenciar ou organizar a informação biográfica¹³. A manutenção de periódicos sobre o tema¹⁴ e a realização de congressos dedicados à aplicação da prosopografia aos diferentes temas de investigação em História e em Ciências Sociais – e

¹⁰ Em História Medieval o modelo da notícia biográfica ou da microbiografia é frequentemente escolhido, ver MILLET, Hélène. Notice biographique et enquête prosopographique. *Mélanges de l'École Française de Rome. Moyen-Âge, Temps modernes*. Roma, v. 100, n. 1, 1988, p. 87-111.

¹¹ Ver STONE, Lawrence. Prosopography. *Daedalus*, v. 100, n. 1, Winter 1971, p. 46-79.

¹² Ver *Ibid.*, p. 70-71.

¹³ Ver KEATS-ROHAN, K.S.B. (ed.). *Prosopography Approaches and Applications A Handbook*. Prosopographica et Genealogica. Oxford, 13, p. 35-69.

¹⁴ Veja-se a revista *Medieval Prosopography*, editada pela Universidade de West Michigan, desde 1980.

ao seu desenvolvimento em articulação com a utilização das tecnologias da informação – continuaram a alimentar o debate, até aos nossos dias¹⁵.

A informatização das bases de dados permitiu a aplicação do método prosopográfico a universos de investigação cada vez mais alargados. Em resultado de uma maior facilidade na abordagem estatística e do estudo das relações através do cruzamento de um maior e mais diversificado tipo de dados, as elites perderam a exclusividade enquanto objectos de estudo¹⁶. Dessa forma, tem-se alargado o espectro dos indivíduos analisados em organismos como o exército medieval¹⁷ ou em comunidades eclesíásticas e sua respectiva *entourage*¹⁸.

Actualmente, também o conceito de Humanidades Digitais se encontra numa fase de amadurecimento¹⁹: a utilização das novas tecnologias da informação na investigação é uma solução natural e indispensável para a grande maioria dos historiadores. Por sua vez, a partir do estudo das relações entre indivíduos e instituições, a informação histórica começou a prestar-se à organização de redes que permitem leituras e interpretações

¹⁵ Ver, entre outros, com base sobretudo no caso francês MILLET, Hélène (ed.). *Informatique et prosopographie. Actes de la table ronde du C.N.R.S., Paris, 25-26 octobre 1984*. Paris : Éd. du Centre national de la recherche scientifique, 1985; GENET, Jean-Philippe (ed.), LOTTES, Günther (ed.). *L'état et les élites: XIII^e-XVIII^e siècles: apports et limites de la méthodologie prosopographique. Actes du colloque internationale, CNRS-Paris1, 16-19 octobre 1991*. Paris: Sorbonne, 1999, nomeadamente o artigo de BULST, Neithard. *Objet et méthode de la prosopographie*. In: GENET, Jean-Philippe (ed.), LOTTES, Günther (ed.). *L'état et les élites: XIII^e-XVIII^e siècles: apports et limites de la méthodologie prosopographique. Actes du colloque internationale, CNRS-Paris1, 16-19 octobre 1991*. Paris: Sorbonne, 1999, p. 467-482. Apesar de mais focados na Antiguidade Tardia, veja-se o exemplo recente de BASLEZ, Marie-Françoise, PRÉVOT, Françoise. *Prosopographie et Histoire Religieuse. Actes du colloque tenu en l'Université Paris XII-Val de Marne les 27&28 octobre 2000*. Paris: De Boccard, 2005. Em 2014, a prosopografia voltou a ser debatida na sua adequação a áreas de investigação como a História Social Antiga e Medieval, a História dos Lugares e a História de Arte, ver CABOURET, Bernadette (ed.), DEMOTZ, François (ed.). *La prosopographie au service des sciences sociales*. Lyon e Paris: CEROR e De Boccard, 2014.

¹⁶ Ver também HEINZ, Flávio M. *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2006.

¹⁷ Depois do estudo dos elementos no topo da hierarquia, é cada vez mais frequente a análise das bases do exército medieval, cfr. CURRY, Ann. *English war captains in the Hundred Years War*. In: CURRY, A. (ed.), BELL, A. (ed.), KING, A. (ed.), SIMPKIN, D. (ed.). *The soldier in later medieval England*. Oxford: Oxford University Press, 2013, p. 183-196, disponível em <http://www.medievalsoldier.org/> acessado em 10 jan. 2016.

¹⁸ Ver WOLLASCH, Joachim. *Prosopographie et informatique. L'exemple des clunisiens et de leur entourage laïque*. In: MILLET, Hélène (ed.). *Informatique et prosopographie. Actes de la table ronde du C.N.R.S., Paris, 25-26 octobre 1984*. Paris : Éd. du Centre national de la recherche scientifique, 1985, p. 209-218.

¹⁹ Ver THALLER, Manfred. *Controversies around the Digital Humanities*. *Historical Social Research / Historische Sozialforschung*, Leibniz, v. 37, n. 3 (141), 2012, p. 7-23.

próprias, extraordinariamente úteis para o conhecimento das dinâmicas políticas e sociais, nas diferentes cronologias²⁰.

Como se disse, inicialmente aplicada às elites – grupos sobre os quais é mais fácil reunir informação histórica –, a prosopografia estendeu-se também às massas facilitando a análise estatística dos dados e abrangendo um vasto número de indivíduos e de grupos sociais²¹. Na sua aplicação, o historiador deverá, no entanto, estar consciente das limitações, evitando cair em erros como os de tomar o todo pela parte ou o de confundir ausência de dados com informação negativa. Caso contrário, as suas conclusões – dependentes, naturalmente, da quantidade e da qualidade de informação recolhida para cada indivíduo – podem traduzir-se em observações distorcidas, tendenciosas e pouco sustentadas²². O total dos percursos biográficos que se reúne através da abordagem prosopográfica não compõe uma amostra nem, tão pouco, um grupo estanque e definitivo²³. As conclusões devem, pois, ser ponderadas tendo como certo que o êxito da investigação depende de uma constante inter-relação entre o que são as hipóteses e o que é a informação devidamente comprovada²⁴.

2. Os estudos prosopográficos na História da Idade Média Portuguesa

A utilização da prosopografia pelos historiadores da Idade Média Portuguesa conta também com várias décadas de amadurecimento. Tendo começado por despertar o interesse dos investigadores das instituições laicas que sustentavam a governação régia, a prosopografia possibilitou a realização de estudos cada vez mais amplos sobre as estruturas políticas e sociais medievais, permitindo a sua caracterização, bem como a compreensão do seu funcionamento e das suas transformações internas. Com efeito, tal

²⁰ Dada a maior quantidade de informação em análise, estas redes são mais reveladoras quando aplicadas à História Moderna e Contemporânea, ver LEMERCIER, Claire. *Analyse de réseaux et Histoire. Revue d'histoire moderne et contemporaine*, n. 52, v.2, 2005, p. 88-112, disponível em: <http://www.cairn.info/revue-d-histoire-moderne-et-contemporaine-2005-2-page-88.htm> acessado em 18 dez. 2015.

²¹ BULST, Neithard. *Objet et méthode de la prosopographie*. In: GENET, Jean-Philippe (ed.), LOTTES, Günther (ed.). *L'état et les élites: XIII^e-XVIII^e siècles: apports et limites de la méthodologie prosopographique. Actes du colloque internationale, CNRS-Paris1, 16-19 octobre 1991*. Paris: Sorbonne, 1999, refere a aplicação deste método também em contexto rural como facilitador das abordagens comparativas.

²² Cfr. COHEN, Gidon. *Missing, biased, and unrepresentative. The quantitative analysis of multisource biographical data. Historical Methods a Journal of Quantitative and Interdisciplinary History*, v. 35, n. 4, 2002, p. 166-176 e STONE, Lawrence. *Prosopography. Daedalus*, v. 100, n. 1, Winter 1971, p. 57-65.

²³ Entre os estudos já citados, ver sobre este assunto BULST. *Op. cit.*, p. 480-481.

²⁴ Ver STONE, Lawrence. *Op. cit.*, p. 61: “Good research depends on a constant interplay between the hypothesis and the evidence, the former undergoing repeated modification in the light of the latter”.

como vinha acontecendo na Historiografia de outros Estados europeus, em Portugal o primeiro enfoque da prosopografia recaiu no estudo das elites²⁵.

Na senda dos trabalhos a propósito da construção do Estado Moderno²⁶, em Portugal desenvolveram-se variados estudos sobre os homens associados à burocracia régia²⁷. Por sua vez, o conhecimento da nobreza²⁸ foi fundamental para perceber a organização das cortes de alguns monarcas, bem como as dinâmicas de apoio político e militar por parte desse grupo social, nomeadamente em períodos de conflito linhagístico ou dinástico²⁹. Os contributos da historiografia brasileira³⁰ para o estudo deste grupo social, têm sido também decisivos.

Mais recentemente, a prosopografia tem servido igualmente para conhecer os funcionários associados ao governo concelhio, tornando-se ferramenta fundamental para a

²⁵ Para uma visão de conjunto dos diferentes estudos realizados sobre as instituições laicas, ver COELHO, Maria Helena da Cruz e HOMEM, Armando Luís de Carvalho (eds.). *A génese do estado moderno no Portugal tardo-medieval: séculos XIII-XV: ciclo de conferências*. Lisboa: Universidade Autónoma Editora, 1999 e BARATA, Filipe Themudo (coord.). *Elites e redes clientelares na Idade Média*. Lisboa; Évora: Colibri; CIDEHUS, 2001.

²⁶ Vejam-se, por exemplo, os trabalhos reunidos em AUTRAND, François. *Prosopographie et Genèse de L'État Moderne*. Paris: École Normale Supérieure de Jeunes Filles, 1986 e em GENET, Jean-Pierre (ed.), LOTTES, Gunther (ed.). *L'état moderne et les élites: XIII^e-XVIII^e siècles: apports et limites de la methode prosopographique: actes du colloque international CNRS-Paris I, 16-19 octobre 1991*. Paris: Publications de la Sorbonne, 1996.

²⁷ Sem termos a pretensão de os elencar a todos, vejam-se as obras de HOMEM, Armando Luís de Carvalho. *O desembargo régio: 1320-1433*. Porto: INIC-Centro de História da Universidade do Porto, 1990 e de NOGUEIRA, Bernardo de Sá. *Tabelionato e instrumento público em Portugal: génese e implantação: 1212-1279*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2008. Para uma sistematização do trabalho realizado em Portugal com vista ao conhecimento dos funcionários do poder central, ver HOMEM, Armando Luís de Carvalho, FREITAS, Judite A. Gonçalves de. *A prosopografia dos burocratas régios (séculos XIII-XV): da elaboração à exposição de dados*. In BARATA Filipe Themudo (coord.). Op. cit., p. 171-210.

²⁸ Neste âmbito ver, entre outros, VENTURA, Leontina. *A nobreza de corte de Afonso III*. Coimbra: Faculdade de Letras, 1992; PIZARRO, José Augusto Pereira de Sotto Mayor. *Linhagens medievais portuguesas: genealogias e estratégias, 1279-1325*. Porto: Centro de Estudos de Genealogia, Heráldica e História da Família da Universidade Moderna, 1999 e SOUSA, Bernardo Vasconcelos e. *Os Pimentéis. Percursos de uma Linhagem da Nobreza Medieval Portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2000.

²⁹ Ver, por exemplo, MORENO, Humberto Baquero. *A batalha de Alfarrobeira: antecedentes e significado histórico*. Coimbra: por Ordem da Universidade, 1979-1980. Na verdade, também a recente coleção das biografias dos reis de Portugal beneficiou com o recurso ao método prosopográfico. A vida do monarca foi, frequentemente, apresentada num quadro de análise em que têm lugar a sua família, os seus funcionários, bem como os seus apoiantes e dissidentes políticos. Ver, por exemplo, COELHO, Maria Helena da Cruz. *D. João I. O que re-colheu Boa Memória*. Lisboa: Temas & Debates, 2008.

³⁰ Ver, entre outros, a obra de Fátima Regina Fernandes, de onde se destaca, a título de exemplo: FERNANDES, Fátima Regina. *A linhagem dos Pereira no ocaso da Idade Média: Um modelo de análise prosopográfica*. In SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da (org.), SILVA, Leila Rodrigues da (org.). *Actas da IV Semana de Estudos Medievais do Programa de Estudos Medievais da UFRJ*. Rio de Janeiro: Márcia Cristina da Rocha Martins, 2001, p. 45-56; FERNANDES, Fátima Regina. *Estratégias de legitimação linhagística em Portugal nos séculos XIV e XV, História: Revista da Faculdade de Letras*. Porto, III série, v. 7, p. 263-84, 2006.

História de cidades como o Porto e Lisboa, nos finais da Idade Média³¹. Para além da realização de teses com a publicação de repertórios prosopográficos que, para além de as fundamentarem, alargam o espectro da informação sobre a sociedade medieval portuguesa e abrem as portas a futuras investigações, o estudo dos funcionários régios e municipais tem sido divulgado informaticamente e em linha, através de bases de dados digitais³².

Dos desenvolvimentos possibilitados pela prosopografia no âmbito da História Política e Social, da compreensão dos percursos das oligarquias do Estado e das Cidades Medievais portuguesas, bem como das diferentes estruturas da Igreja de que falaremos mais à frente, resultou também o aprofundamento de questões relacionadas com a História Cultural. Nesse âmbito, a análise dos percursos dos escolares e a sua mobilidade pelos reinos da Europa Ocidental têm ocupado historiadores em diferentes Universidades da Europa³³ e em Portugal³⁴.

Mais relevante para o tema central deste artigo³⁵ tem sido a utilização da prosopografia para a História da Igreja Portuguesa³⁶. Neste âmbito, dispomos de um vasto conjunto de repertórios prosopográficos, realizados sobretudo no âmbito de trabalhos

³¹ Ver, entre outros, COSTA, Adelaide. “Vereação” e “Vereadores”. *O governo do Porto em finais do século XV*. Porto: Arquivo Histórico, Câmara Municipal do Porto, 1993; COSTA, Adelaide. *Projeção espacial de domínios, das relações de poder ao burgo portuense (1385-1502)*. Lisboa: Universidade Aberta, 2000; COSTA, Adelaide. Elites and oligarchies in the late medieval Portuguese urban world. *Imago Temporis. Medium Aevum*, v. 3, p. 67-82, 2009 e FARELO, Mário. *A oligarquia camarária de Lisboa (1325-1433)*. Lisboa: Faculdade de Letras, 2008.

³² Ver COSTA, Adelaide Millán (coord.). *Dicionário online do Oficialato Periférico da Coroa (séculos XIV-XV)* [base de dados online]. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA, 2011-2015. Disponível em <http://iem.fch.unl.pt/section.aspx?kind=bd3>, acessado em 12 dez. 2015.

³³ Ver, por exemplo, GENET, Jean-Philippe, KOUAME, Thierry. *Projet Studium Parisiense. Base prosopographique des universitaires parisiens*. Paris: Lamop, s.d., disponível em <http://lamop-vs3.univ-paris1.fr/studium/>, acessado em 12 dez. 2015 e RIDDER-SIMOENS, Hilde de. Reconstruction du milieu universitaire au niveau régional: possibilités et limites. In: GENET, Jean-Pierre (ed.), LOTTES, Gunther (ed.). *L'état moderne et les élites: XIII^e-XVIII^e siècles: apports et limites de la méthode prosopographique: actes du colloque international CNRS-Paris I, 16-19 octobre 1991*. Paris: Publications de la Sorbonne, 1996, p. 373-386.

³⁴ Ver, por exemplo, NORTE, Armando José Gomes do. *Letrados e cultura letrada (séculos XII-XIII)*. Lisboa: Faculdade de Letras, 2013.

³⁵ Sobre os trabalhos que, de uma forma global, fundamentam a análise das colegiadas de Coimbra, leia-se CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de. *Les communautés ecclésiastiques des collégiales paroissiales de Coimbra (XIII^e-XV^e siècles)*. *Conférence prononcée le 3 mars 2015 en Sorbonne*, Paris, LAMOP, 2015, disponível em http://lamop.univ-paris1.fr/IMG/pdf/MAACampos_Bourse_Robert_de_Sorbon_Lamop.pdf, acessado em 09 jan. 2016.

³⁶ Sobre a evolução dos estudos sobre História da Igreja Portuguesa, nas últimas décadas, ver VILAR, Hermínia Vasconcelos. História da Igreja medieval em Portugal: um percurso possível pelas provas académicas (1995-2000). *Lusitania Sacra*, Lisboa, 2^a, n. 13-14, p. 569-581, 2002, disponível em <http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/4479>, acessado em 09 jan. 2016 e VILAR, Hermínia Vasconcelos. Estruturas e protagonistas religiosos na historiografia medieval portuguesa. *Lusitania Sacra*, Lisboa, 2^a, n. 21, p. 125-152, 2009, disponível em em linha <http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/4539>, acessado em 09 jan. 2016.

académicos, por vezes, compilados em obras elaboradas exclusivamente para esse efeito³⁷. A prosopografia tem permitido, assim, conhecer um número significativo de comunidades eclesiásticas regulares³⁸ e seculares³⁹. Para o estudo das últimas, foi decisivo o desenvolvimento do projecto *Fasti Ecclesiae Portugaliae: prosopografia do clero catedralício português, 1071-1325*, que estudou o clero das dioceses nacionais, assentando em premissas e objectivos de investigação semelhantes às do projecto francês *Fasti Ecclesiae Gallicanae*⁴⁰. Para além da análise de comunidades numerosas, num determinado período cronológico, tem-se destacado também alguns percursos individuais de eclesiásticos mais notáveis⁴¹.

Nos últimos anos a História do clero medieval português tem sido colocada ao serviço da investigação sobre as estruturas políticas do reino, nomeadamente através do estudo dos eclesiásticos que constituíam a capela régia, que integravam estruturas da

³⁷ Vejam-se os exemplos de LIMA, Maria Justiniana Pinheiro Maciel. *Cabido de Braga no tempo de D. Dinis: 1278-1325*. Cascais: Patrimonia, 2003; RODRIGUES, Ana Maria S. A. (coord.). *Os capitulares bracarenses (1245-1374): notícias biográficas*. Lisboa: CEHR-UCP, 2005.

³⁸ Ver, entre outros, MARTINS, Rui Cunha. *Património, parentesco e poder: o Mosteiro de Semide do século XII ao século XV*. Lisboa: Escher, 1992; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa. *Um Mosteiro Cisterciense Feminino: Santa Maria de Celas: século XIII a XV*. Coimbra: por ordem da Universidade, 2001; RÉPAS, Luís Miguel Malva de Jesus. *Quando a nobreza traja de branco: a Comunidade Cisterciense de Arouca durante o abadessado de D. Luca Rodrigues: 1286-1299*. Leiria: Magno, 2003; ANDRADE, Maria Filomena de Carvalho. “In oboedientia, sine proprio et in castitate, sub clausura”: *A ordem de Santa Clara em Portugal (séculos XIII-XIV)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2011 (tese de doutoramento policopiada) e FERNANDES, Aires Gomes. *Os Cónegos Regrantes de Santo Agostinho no norte de Portugal em finais da Idade Média: dos alvares de Trezentos à Congregação de Santa Cruz*. Coimbra: Faculdade de Letras, 2011.

³⁹ Ver VILAR, Hermínia Vasconcelos. *As dimensões de um poder: a diocese de Évora na Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1999; SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa. *A Sé de Lamego na primeira metade do século XIV (1296-1349)*. Leiria: Magno, 2003; FARELO, Mário. *O Cabido da Sé de Lisboa e os seus cónegos (1277-1377)*. Lisboa: Faculdade de Letras, 2003 (dissertação de mestrado policopiada); MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa. *A Sé de Coimbra: a instituição e a chancelaria (1080-1318)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2010.

⁴⁰ Sobre o projecto, ver <http://fasti.univ-paris1.fr/index.php>. Este foi coordenado por Hélène Millet, cuja tese de doutoramento representara já um marco decisivo na aplicação desta metodologia de investigação para a compreensão de uma instituição eclesiástica medieval: MILLET, Hélène. *Les chanoines du chapitre cathédral de Laon, 1272-1412*. Rome: École Française de Rome, 1982.

⁴¹ Ver, a título de exemplo, MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa. Geraldo Peres, cónego da Sé de Coimbra no século XIV. *Revista Portuguesa de História*, Coimbra, XXXI, p. 393-430, 1996; MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa, SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa. O chantre de Viseu e cónego de Coimbra Lourenço Esteves de Formoselha (...1279-1318): uma abordagem prosopográfica. *Lusitania Sacra*, Lisboa, 2^a, n. 13-14, p. 75-136, 2002; e MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa. A clergyman's career in late medieval Portugal: a prosopographical approach. *Medieval Prosopography*, Kalamazoo, 25, p. 114-144, 2004; COELHO, Maria Helena da Cruz, SARAIVA, Anísio Miguel de Sousa. D. Vasco Martins, vescovo di Oporto e di Lisbonna: una carriera tra Portogallo ed Avignone durante la prima metà del trecento. In: Centro de Estudos de História Religiosa. *A Igreja e o clero português no contexto europeu*. Lisboa: CEHR-UCP, 2005.

cúria, da chancelaria ou do desembargo régio⁴². Esses contributos, que são evidentes na redacção das biografias dos monarcas portugueses⁴³, foram o tema central do projecto internacional DEGRUPE – *A Dimensão Europeia de um grupo de Poder: o clero na construção política das Monarquias Peninsulares (sécs. XIII-XV)*⁴⁴.

Ao reflectir a produção historiográfica dos últimos anos no âmbito da História Religiosa e Eclesiástica portuguesa, José Mattoso⁴⁵ e Hermínia Vilar⁴⁶ sublinham os visíveis avanços das últimas décadas nos estudos sobre as comunidades clericais de instituições religiosas, quer regulares, quer seculares. De forma directa ou indirecta, ambos realçam a importância do contributo dos estudos prosopográficos. Os dois concordam, porém, sobre a necessidade da realização de sínteses, bem como de análises globais e conjuntas de carácter nacional, regional ou diocesano. Com a insistência na abordagem institucional individual, arriscamo-nos – segundo os autores citados – a não obter mais do que listas infundáveis de clérigos⁴⁷ ou a multiplicação de estudos de caso⁴⁸, sem que o seu enquadramento histórico seja devidamente conhecido, analisado e problematizado.

3. A prosopografia e a investigação sobre o clero paroquial de Coimbra

Na História eclesiástica, como também vinha acontecendo na História dos funcionários das estruturas do poder régio e do poder concelhio, a atenção principal recaiu sobre as elites. Isto porque a recolha de dados biográficos nas fontes é mais exequível quando tratamos de indivíduos que ocuparam cargos mais elevados na organização social ou que detiveram maior riqueza e/ou um conjunto patrimonial para gerir – circunstâncias que obrigam à produção e à conservação de documentos.

⁴² Ver BRANCO, Maria João. *Poder real e eclesiásticos: a evolução do conceito de soberania régia e a sua relação com a praxis política de Sancho I e Afonso II*. Lisboa: Universidade Aberta, 1999.

⁴³ Ver, por exemplo VILAR, Hermínia. *D. Afonso II. Um rei sem tempo*. Lisboa: Temas & Debates, 2008 especialmente o capítulo 4: Governar II.

⁴⁴ Projecto coordenado por Hermínia Vilar. Ver <http://degrupe.cidehus.uevora.pt/>, acessado em 18 dez.2015.

⁴⁵ Ver MATTOSO, José. Perspectivas de investigação em História religiosa medieval portuguesa. *Lusitania Sacra*, Lisboa, 2ª, n. 21, p. 153-171, 2009.

⁴⁶ Ver VILAR, Hermínia Vasconcelos. Estruturas e protagonistas religiosos na historiografia medieval portuguesa. *Lusitania Sacra*, Lisboa, 2ª, n. 21, p. 125-152, 2009, p. 151.

⁴⁷ Ver MATTOSO, José. Op. cit., p. 157-159.

⁴⁸ Ver VILAR. Op. cit., p. 144-145.

No caso do meu projecto, a atenção volta-se para a paróquia que considero ser uma unidade de investigação privilegiada para conhecer as dinâmicas urbanas e a religiosidade da cidade. Com esse objectivo, a prosopografia será direccionada para a composição dos cabidos das colegiadas paroquiais, ou seja, para grupos eclesiais normalmente pouco notáveis, sobre os quais – devido ao tipo de fontes disponíveis – a informação é mais escassa. A minha insistência neste tema, desde a realização do meu doutoramento, prende-se com o facto de considerar que o pouco conhecimento que se tem sobre o perfil do clero paroquial português⁴⁹ deve-se, não só – como tem sido dito – à escassez de informação disponível nos acervos dessas igrejas, mas também à falta de detalhe do inquérito das fontes. Para além do estudo das estruturas dessas comunidades, tem-se realizado muito pouco para a caracterização do seu perfil. Na minha opinião, essa lacuna poderá ser colmatada através da aplicação de um inquérito prosopográfico a esses cabidos e da articulação dessa informação com a realidade institucional e urbana em que os mesmos se inserem.

3.1. Os beneficiados das colegiadas de Coimbra

A partir dos inícios do século XII, podemos perceber a definição das jurisdições paroquiais no interior da cidade de Coimbra⁵⁰. Assim, para além da catedral⁵¹ e da paróquia anexa ao recém-fundado mosteiro de Santa Cruz⁵², sete igrejas assumiam funções de sedes paroquiais, encarregues de assegurar os sacramentos e o serviço pastoral⁵³. A dividir o território intramuros, juntamente com a Sé, encontramos as igrejas de S. Pedro⁵⁴, de S. João

⁴⁹ Cfr. VILAR, Hermínia Vasconcelos. *História da Igreja medieval em Portugal: um percurso possível pelas provas académicas (1995-2000)*. *Lusitania Sacra*, Lisboa, 2ª, n. 13-14, p. 569-581, 2002, disponível em <http://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/4479>, acessado em 09 jan. 2016, p. 576 e nota de rodapé 18.

⁵⁰ Para uma leitura da cidade de Coimbra na Idade Média, ver, entre outros artigos, VENTURA, Leontina. Coimbra medieval: uma cidade em formação e COELHO, Maria Helena da Cruz. Coimbra Medieval: uma cidade em maturação. In ALARCÃO, Adília (ed.), ALVES, Fernanda (ed.). *Inventário do Museu Nacional Machado de Castro: colecção de ourivesaria medieval: séculos XII-XV*. Lisboa: Ministério da Cultura: Instituto Português de Museus, 2003.

⁵¹ Ver MORUJÃO, Maria do Rosário Barbosa. *A Sé de Coimbra: a instituição e a chancelaria (1080-1318)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2010.

⁵² Ver MARTINS, Armando. *O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Idade Média*. Lisboa: Centro de História da Universidade, 2003 e GOMES, Saul António. *In limine conscriptionis: documentos, chancelaria e cultura no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra: séculos XII a XIV*. Viseu: Palimage, 2007.

⁵³ Ver CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de. Coimbra's parochial network: aspects of its definition in 12th century. In: CIDEHUS. *The Ecclesiastics and the Political State Building in Iberian Monarchies, 13th-15th centuries*, e-book, Évora, CIDHEUS, (no prelo).

⁵⁴ Ver VARANDAS, Carla Patrícia Rana. *A Colegiada de S. Pedro de Coimbra das origens ao final do século XIV. Estudo económico e social*. Coimbra: Faculdade de Letras, 1999 (dissertação de mestrado policopiada).

de Almedina, de S. Cristóvão⁵⁵ e de S. Salvador. Na cidade extramuros, na margem direita do Mondego, a acompanhar o percurso da antiga via romana de Coimbra, encontramos as igrejas de S. Bartolomeu⁵⁶, de Santiago e de Santa Justa. Estes três templos, juntamente com a igreja de S. João pertencente ao mosteiro dos cónegos agostinianos de Santa Cruz, configuravam as quatro sedes paroquiais do arrabalde de Coimbra.

Mais tarde, já durante a segunda metade do século XIII⁵⁷, percebemos a forma como as sete igrejas paroquiais identificadas – inicialmente reveladoras de uma estrutura clerical condizente com a de pequenos presbitérios – começavam a deter um cabido composto por prior e beneficiados (designados como porcionários ou raçoeiros)⁵⁸. O projecto de investigação que acima identifiquei pretende analisar as comunidades capitulares destas sete colegiadas, entre os séculos XIII a XV.

Ao contrário de colegiadas com as dimensões e as características das de Santa Maria da Oliveira de Guimarães⁵⁹ e de Santa Maria da Alcáçova de Santarém⁶⁰, as colegiadas de Coimbra apresentavam cabidos com estruturas muito simples. Enquanto as primeiras se assemelham a pequenas catedrais em cidades distantes das sedes diocesanas, as colegiadas de Coimbra, dependentes da autoridade do bispo e localizadas na sede da diocese, não davam lugar à atribuição de dignidades⁶¹. Com

⁵⁵ Ver MATOS, João José da Cunha. *A Colegiada de São Cristóvão de Coimbra (sécs. XII e XIII)*. Tomar, 1998 (trabalho realizado com o fim de obtenção de provas de aptidão pedagógica).

⁵⁶ Ver GUARDADO, Maria Cristina Gonçalves. *A Colegiada de S. Bartolomeu de Coimbra em Tempos Medievais. (Das origens ao início do séc. XV)*. Coimbra: Faculdade de Letras, 1999, 2 vols (dissertação de mestrado policopiada).

⁵⁷ Sobre a paulatina organização dos cabidos das colegiadas paroquiais de Coimbra, ver CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de. *Santa Justa de Coimbra na Idade Média: o espaço urbano, religioso e socio-económico*. Coimbra: Faculdade de Letras, 2012, p. 169 e nota rodapé 8.

⁵⁸ É certo que, pelo menos, em 1256 estavam já organizados os cabidos de Santa Justa, Santiago, São Bartolomeu, S. Cristóvão e São Pedro, os quais, à excepção de São Cristóvão, detinham já um selo de autenticação. Ver GUARDADO. *Op. cit.*, vol. II, doc. 6 (Dezembro de 1256).

⁵⁹ Ver MARQUES, José. *A Arquidiocese de Braga no séc. XV*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1988, p. 479-493 e 518 e ss. e RAMOS, Cláudia Maria da Silva. *O Mosteiro e a colegiada de Guimarães (ca. 950-1250)*. Porto: Faculdade de Letras, 1991 (dissertação de mestrado policopiada).

⁶⁰ Ver BOTÃO, Maria de Fátima. *Poder e Influência de uma Igreja Medieval. A Colegiada de Santa Maria da Alcáçova de Santarém*. Cascais: Patrimonia Historica, 1998 e Idem. A freguesia de Santa Maria da Alcáçova de Santarém: a comunidade eclesial. In *Santarém na Idade Média. Actas do Colóquio de 13 a 14 Março 1998*. Santarém: Câmara Municipal, 2007 e MARQUES, Maria Alegria Fernandes. Aspectos da vida de Santa Maria da Alcáçova de Santarém, na Idade Média. *Revista portuguesa de história*, Coimbra, n. 36 (2003): 115-140.

⁶¹ Ver CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de. *Santa Justa de Coimbra na Idade Média: o espaço urbano, religioso e socio-económico*. Coimbra: Faculdade de Letras, 2012, p. 185-186.

feito, à excepção da igreja de São Pedro onde existia um chancre⁶², todas as outras aparentam organizar-se num cabido composto por raçoeiros com os mesmos direitos e rendimentos, os quais deviam obedecer a um prior. Pelo que se conhece até ao momento, sobretudo a partir do século XIV, seria prática generalizada a atribuição de benefícios por reserva pontifícia a clérigos que nunca comparecem na respectiva igreja⁶³. A composição destes cabidos variava também em número, sendo que os benefícios afectos a cada igreja dependia do património e dos rendimentos disponíveis para os manter.

Para além do conjunto de eclesiásticos assim organizados, estas instituições tinham ao seu serviço um tesoureiro e um prebendeiro, recrutados por entre a baixa clerezia, ou mesmo por entre a clientela laica. Nos inícios do século XVI⁶⁴, são mencionados com frequência os oficiais do cabido, que deveriam assegurar a fiscalização da assiduidade dos raçoeiros no coro e uma distribuição de rendimentos consentânea com o serviço litúrgico prestado por cada um⁶⁵.

A partir dos inícios do século XIV, são reconhecíveis nestas igrejas, capelães e clérigos de missa que, paralelamente aos cabidos, se encarregavam de celebrar as cerimónias fúnebres e o ofício de capelas. O seu aparecimento surge, de facto, em estreita relação e proporção com o número de doações e de instituições de cerimónias fúnebres de que estas igrejas eram beneficiárias. Estes clérigos formavam um grupo de clero auxiliar⁶⁶ remunerado especificamente pelo serviço que prestavam. Tal como os

⁶² Reconhecemo-lo, pela primeira vez em 1282, ver ANTT, Colegiada de S. Pedro de Coimbra, cx. 3, m. 6 (1282.02.24), documento publicado por VARANDAS, Carla Patrícia Rana. *A Colegiada de S. Pedro de Coimbra das origens ao final do século XIV. Estudo económico e social*. Coimbra: Faculdade de Letras, 1999 (dissertação de mestrado policopiada), vol. II, doc. 9.

⁶³ Ver CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de. *Santa Justa de Coimbra na Idade Média: o espaço urbano, religioso e socio-económico*. Coimbra: Faculdade de Letras, 2012, p. 209 e nota de rodapé 216.

⁶⁴ Ver, por exemplo, ANTT, Colegiada de Santa Justa de Coimbra, liv. 4, fol. 11 e CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de. *Santa Justa de Coimbra na Idade Média: o espaço urbano, religioso e socio-económico*. Coimbra: Faculdade de Letras, 2012, p. 214-215 e ANTT, Colegiada de São Cristóvão de Coimbra, liv. 2, fol. 4 v.

⁶⁵ O documento mais completo sobre o quotidiano das colegiadas de Coimbra é o livro das constituições de S. Pedro, redigido em 1348, por altura da organização de um novo cabido, em consequência da morte de todos os elementos que compunham o anterior, vítimas da Peste Negra, ver ANTT, Colegiada de S. Pedro de Coimbra, liv. 4.

⁶⁶ Expressão por mim utilizada com base em VIALLET, Ludovic. Le clergé auxiliaire des cathédrales et collégiales urbaines à la fin du Moyen Âge: un groupe-tampon dans les conflits entre chapitres canoniaux et société laïque? Le cas de Romans. In: *Le règlement des conflits au Moyen Âge. Actes du XXXI^e congrès de la SHMESP (Angers, 2000)*. Paris: Publications de la Sorbonne, 2001, p. 335-350. Sobre o caso anglo-saxónico ver, ROUSSEAU, Marie-Hélène. Chantry chaplains at St. Paul's Cathedral, London ca. 1200-1548. *Medieval Prosopography*, Kalamazoo, n. 26, p. 197-314, 2005.

outros elementos do clero secular afecto às igrejas paroquiais, também nestes grupos se reconhece a possibilidade de mobilidade e/ou de progressão no seio da Igreja⁶⁷.

3.2. As fontes e o inquérito a realizar

Perante os acervos de documentação medieval destas igrejas, a primeira impressão com que se fica é a da presença esmagadora de contratos de natureza económica, relacionados com a gestão dos seus senhorios⁶⁸. Escasseiam, infelizmente, documentos que carreguem informação sobre a administração interna destes cabidos, bem como sobre o quotidiano religioso e o cerimonial decorrente desses dois âmbitos de acção. Desse modo, também a quantidade e a qualidade da informação acerca dos seus clérigos está dependente da acção desses indivíduos na gestão dos seus patrimónios individuais ou na administração do património das igrejas a que pertenciam.

Perante tal cenário, optei pela organização de notícias biográficas segundo o modelo do quadro que se segue:

-
- | | |
|-------------|---|
| I. | Origem geográfica. |
| II. | Caracterização social dos antepassados, da família colateral e dos descendentes. |
| III. | Caracterização social dos indivíduos que constituíam as suas relações de sociabilidade e clientela; a existência de servidores; a escolha dos procuradores e dos testamenteiros. |
| IV. | Nível cultural e de formação universitária, normalmente atestada por um título ou pelo exercício de um cargo académico, mas também pela eventual posse de livros, pelo domínio da escrita; e pelo exercício de funções específicas, dentro das estruturas da paróquia, da diocese ou da Igreja. |
-

⁶⁷ Para a caracterização deste grupo na colegiada de Santa Justa, ver CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de. *Santa Justa de Coimbra na Idade Média: o espaço urbano, religioso e socio-económico*. Coimbra: Faculdade de Letras, 2012, p. 218-220.

⁶⁸ Tenho tido a oportunidade de referir essa questão noutros trabalhos. Ver CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de. *Estudar uma Colegiada Urbana Medieval no contexto de um projecto de doutoramento*. In: *Incipit 1. Workshop de Estudos Medievais da Universidade do Porto 2009-2010*. Porto: Biblioteca digital da Faculdade de Letras do Porto, 2012, p. 57-64, disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/9937.pdf>, acessado em 10 jan. 2016.

-
- V. Apresentação das carreiras eclesiásticas e dos *cursus honorum*, através da referência às funções exercidas antes e depois da integração na colegiada e através da identificação das possíveis relações com outras igrejas e cabidos, assim como o exercício de funções ao serviço de instituições como o Papado de Avinhão, a coroa portuguesa, entre outros.
-
- VI. Património pessoal reconhecido pela posse de bens móveis e imóveis, herdados ou adquiridos, mas também pela detenção do usufruto da propriedade através da contratação do usufruto de prédios.
-
- VII. Data da morte, conhecida através da data de abertura do testamento ou do dia fixado para a celebração do aniversário da alma. Como para a maioria dos casos, não é possível colher estes dados, apresentamos uma data provável ou um intervalo cronológico estimado a partir da última referência documental recolhida, para cada uma destas notícias. Identificação, sempre que possível, do local de sepultura e memória fúnebre.
-
- VIII. Observações finais.
-

Com base na análise realizada para Santa Justa, prevejo que da aplicação deste questionário às populações em causa resulte a identificação de carreiras eclesiásticas desiguais. No caso dessa igreja, enquanto para alguns beneficiados a sua ascensão social se construía dentro das estruturas da igreja, para outros esta era apenas o ponto de partida para a composição de carreiras mais ambiciosas ou representava apenas mais uma forma de acumular um benefício e engrossar os seus honorários. É normal, com efeito, darmos conta da transferência de alguns destes indivíduos para os cabidos catedralícios⁶⁹. Sendo que também é habitual o reconhecimento de longas carreiras individuais dentro das

⁶⁹ Ver, por exemplo, Notícias Biográficas 2 e 21, em CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de. *Santa Justa de Coimbra na Idade Média: o espaço urbano, religioso e socio-económico*. Coimbra: Faculdade de Letras, 2012, vol. II, p. 188-189 e 209-211.

estruturas de uma única igreja⁷⁰. A tendência para a progressão dentro das estruturas da Igreja é maior nos casos em que se demonstra um grau de instrução mais elevado.

Tomando como exemplo a colegiada de Santa Justa, é certo que tem sido difícil, para uma parte significativa da população, conhecer mais do que um nome, associado a um benefício eclesiástico, e uma ou outra participação na realização de um contrato⁷¹. Tal dificuldade decorre do facto de «em qualquer época ou lugar, quanto mais baixo descemos no sistema social, mais pobre se transforma a documentação»⁷². Por isso mesmo, interessa otimizar os dados através do método prosopográfico⁷³. Nesse sentido, construí uma base de dados que nos permite reunir toda a informação contida nos documentos acerca da população identificada, mas também acerca dos notáveis – laicos e eclesiásticos – e dos anónimos que com ela se relacionavam. Com base neste processo, as redes sociais a analisar podem ser constantemente alargadas⁷⁴.

Durante este percurso tornou-se claro que o método prosopográfico era adequado à articulação da informação disponível e que, só através da organização que esta metodologia requer, se poderiam rentabilizar ao máximo os dados relativos a uma população muito pouco documentada. Depois de realizado o questionário prosopográfico, a ordenação de listas de indivíduos pertencentes à mesma população e a sua organização cronológica permitem a obtenção de quantitativos de outra forma difíceis de apurar. Por sua vez, a análise qualitativa dos dados permite-nos alcançar muito mais que a simples caracterização de percursos biográficos, ou seja, possibilita a caracterização de comportamentos colectivos.

⁷⁰ Ver, por exemplo, Notícias Biográficas 1 e 10, CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de. *Santa Justa de Coimbra na Idade Média: o espaço urbano, religioso e socio-económico*. Coimbra: Faculdade de Letras, 2012, vol. II, p. 187-188 e 202-205.

⁷¹ Quando submetido o cabido de Santa Justa ao inquérito apresentado (desde a sua fundação até 1451), num universo de 147 indivíduos, apenas o V ponto foi preenchido para a totalidade dos casos. Os restantes valores distribuem-se da seguinte forma I, 25; II, 26; III, 22; IV, 13; VI, 47; VII, 33.

⁷² Ver STONE, Lawrence. Prosopography. *Daedalus*, v. 100, n. 1, Winter 1971, p. 58 e 59: “*At all times and in all places, the lower one goes in the social system the poorer becomes the documentation*”.

⁷³ Note-se que o desenvolvimento da prosopografia nas últimas décadas – ao serviço dos vários quadros da História Europeia e Norte-americana – está estreitamente relacionado com o problema da escassez das fontes e dos dados históricos, ver VERBOVEN, Koenraad; CARLIER, Myriam, DUMOLYN, Jan. A Short Manual to the art of prosopography. In: KEATS-ROHAN, K.S.B. (ed.). *Prosopography Approaches and Applications A Handbook*. Prosopographica et Genealogica. Oxford, 13, p. 36.

⁷⁴ Sobre a inclusão dos anónimos nas pesquisas de âmbito prosopográfico, ver PELTERET, David A. E. “Should one include unnamed persons in a prosopographical study?”. In: KEATS-ROHAN, K.S.B. (ed.). *Prosopography Approaches and Applications A Handbook*. Prosopographica et Genealogica. Oxford, 13, p. 183-195.

Com efeito, esta é uma metodologia apropriada à identificação e caracterização de relações entre pares – relações de parentesco e de solidariedade profissional –, bem como das solidariedades entre instituições eclesiais, extensíveis às populações laicas que enformavam os núcleos paroquiais. A forma sistemática como o método prosopográfico continua a ser a opção metodológica para a história de diferentes temáticas e cronologias decorre da sua proficiência na apreensão dos «laços socio-psicológicos que vinculam a união de um grupo»⁷⁵ e na compreensão da evolução desse grupo, integrando-o no seu contexto. Assim, para além do comportamento dos próprios cabidos, analisado com base no reconhecimento do percurso de cada um dos seus elementos, a metodologia que aqui apresento é fundamental para perceber a extensão destes organismos à cidade em que se inserem.

3.3. A prosopografia do clero paroquial e a compreensão da cidade

Globalmente, a aplicação da prosopografia aos quadros do clero paroquial virá completar o retrato existente das estruturas da Igreja Portuguesa. Ser-nos-á permitido completar carreiras de clérigos já reconhecidos nos cabidos catedralícios⁷⁶, e detalhar as suas redes de clientela e solidariedade. Poderemos reconhecer benefícios anteriores à sua ascensão a lugares de maior prestígio ou recebidos em acumulação com cargos (laicos e eclesiais), dignidades e benefícios auferidos noutras instituições. Poderão assim depreender-se dinâmicas relevantes no processo de mobilidade social dentro e fora dos quadros da Igreja – em Portugal ou na Cristandade Ocidental – e compreender o papel desempenhado por estas colegiadas nos processos de ascensão social.

Pela análise que fizemos ao cabido da colegiada de Santa Justa, percebemos que a generalidade dos seus clérigos vivia perfeitamente integrado na comunidade urbana envolvente: residia em casas próprias, vivia muitas vezes com uma mulher, tinha filhos, geria a sua propriedade e contratava imóveis a prazo. Igualmente relevante é a forma como os seus procuradores e testamenteiros tanto poderiam ser escolhidos dentro do cabido, como no seu exterior, por entre a população laica. No sentido inverso, é muito

⁷⁵ Ver STONE, Lawrence. Prosopography. *Daedalus*, v. 100, n. 1, Winter 1971, p. 65: “Prosopography does not have all the answers, but it is ideally fitted to reveal the web of sociopsychological ties that bind a group together”.

⁷⁶ Vejam-se os exemplos das Notícias Biográficas 2 e 45: CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de. *Santa Justa de Coimbra na Idade Média: o espaço urbano, religioso e socio-económico*. Coimbra: Faculdade de Letras, 2012, vol. II, p. 188-189 e 224-225.

frequente encontrarmos clérigos desta igreja no papel de procuradores e de testamenteiros dos seus paroquianos. Nestes casos, a igreja paroquial toma forma como entidade de recurso, de representação jurídica e de protecção⁷⁷.

Como acima se disse, a documentação disponível para esta análise é maioritariamente de natureza económica, produzida com vista à gestão dos patrimónios imóveis das colegiadas. Assim, a prosopografia destes clérigos leva-nos à reconstituição dos senhorios das igrejas o que nos permite realizar listas de topónimos e cruzar informações espaciais com vista à reconstituição da topografia urbana⁷⁸. Nesta análise, interessa perceber a influência destas igrejas na definição e na organização do espaço urbano que polarizam⁷⁹.

As colegiadas de Coimbra serão estudadas de acordo com a sua inserção numa rede paroquial complexa e numa cidade profundamente marcada pela presença de outras instituições eclesiásticas – como a catedral e os mosteiros – e dos órgãos do poder civil – os representantes do rei e do concelho. Este será um estudo fundamental para o conhecimento da história da cidade de Coimbra, para a caracterização da sua sociedade medieval e da sua rede institucional laica e eclesiástica. A identificação de raçoeiros destas igrejas enquanto procuradores de outras instituições eclesiásticas da cidade revelará uma rede de solidariedade institucional que vai muito para além da sua influência na sua célula paroquial. Destacam-se, neste âmbito, relações que se estabeleciam vertical e horizontalmente: as primeiras por exemplo com a catedral; as segundas com os mosteiros da cidade (sobretudo os femininos⁸⁰) ou com os outros cabidos paroquiais.

⁷⁷ Sobre todos estes aspectos, ver CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de. *Santa Justa de Coimbra na Idade Média: o espaço urbano, religioso e socio-económico*. Coimbra: Faculdade de Letras, 2012, vol. I, p. 221-254, II. 3. Percursos individuais e enquadramento colectivo dos eclesiásticos de Santa Justa.

⁷⁸ Ver DEMOTZ, François. La prosopographie des lieux. L'exemple des lieux à caractère public des IX-XII siècles à travers les donations aux reines de Bourgogne. In: CABOURET, Bernadette (ed.), DEMOTZ, François (ed.). *La prosopographie au service des sciences sociales*. Lyon e Paris: CEROR e De Boccard, 2014, p. 155-181. Sobre Santa Justa, ver CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de. Op. cit., vol. I, p. 89-124, I. 3.

⁷⁹ Linha de investigação a explorar em toda a Europa, ver, entre outros, GRÉLOIS, Emmanuel. La paroisse est-elle un territoire?. In: CEVINS, Marie-Madeleine de, MATZ, Jean-Michel. *Structures et dynamiques religieuses dans les sociétés de l'Occident latin (1179-1449)*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2010, p. 97-105.

⁸⁰ Por exemplo, reconhecemos vários beneficiados de Santa Justa enquanto testemunhas e procuradores dos conventos de Celas da Ponte ou de Santa Clara, ver Notícias Biográficas 58 e 69: CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de. Op. cit., vol. II, p. 233 e 240-241. Para o segundo caso, ver também ANDRADE, Maria Filomena de Carvalho. "In oboedientia, sine proprio et in castitate, sub clausura": *A ordem de Santa Clara em Portugal (séculos XIII-XIV)*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2011 (tese de doutoramento policopiada), Quadro IV: Dependentes e Servidores, C. Convento de Santa Clara de Coimbra, p. 692-709.

Entre os laicos que se relacionavam com estas igrejas teremos hipótese de reconhecer oficiais e funcionários concelhios e de perceber a implantação deste grupo dentro da cidade; as suas relações com as diferentes igrejas; as formas como investiam o seu património no sufrágio das suas almas e na perpetuação da sua memória. Este âmbito de análise é tão relevante quanto o estudo do concelho medieval de Coimbra é difícil de fazer, dada a inexistência de um acervo documental para o período anterior ao século XVI⁸¹.

A análise individualizada dos percursos destes clérigos permitirá conhecer as relações que os beneficiados destas igrejas estabeleciam com as populações laicas. O desenho dessas relações permitirá a identificação e a contextualização de um universo de homens e mulheres laicos que de outra forma não nos seria possível, permitindo-nos compreender, de seguida, as relações entre a comunidade eclesiástica e a população laica. Deste modo, esclarecer-se-á a influência deste grupo clerical no quotidiano paroquial, sendo que o papel dos cabidos seculares na vivência religiosa da cidade⁸² é um tema em desenvolvimento na historiografia europeia e um dos tópicos centrais do nosso projecto.

Trabalhos recentes têm demonstrado a definição de perfis paroquiais diferentes dentro da cidade⁸³, bem como a relação entre a tipologia da igreja e a definição de dinâmicas urbanas específicas, no seu entorno⁸⁴. Em Portugal existe, naturalmente, muito material para estudar com vista a um maior e mais aprofundado conhecimento da cidade medieval. Se para Coimbra a investigação realizada me permite tirar conclusões sobre a paróquia de Santa Justa, interessará agora perceber como se caracterizam os outros núcleos paroquiais e as outras estruturas capitulares para, de seguida, compreender as suas relações com a população laica e a forma como as suas igrejas intervinham na vivência de uma religiosidade específica. Trata-se no fundo de perceber a definição de

⁸¹ Sobre as possibilidades de análise desta população, com base no estudo de Santa Justa, veja-se CAMPOS, Maria Amélia Álvaro de. *Santa Justa de Coimbra na Idade Média: o espaço urbano, religioso e socio-económico*. Coimbra: Faculdade de Letras, 2012, vol. I, p. 126-163, I. 4. Os fregueses de Santa Justa.

⁸² Ver MASSONI, Anne. La participation des chanoines à l'encadrement religieux. In CEVINS, Marie-Madeleine de, MATZ, Jean-Michel. *Structures et dynamiques religieuses dans les sociétés de l'Occident latin (1179-1449)*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2010, p. 85-95.

⁸³ Ver COLSON, Justin Robert. *Local Communities in Fifteenth Century. London: Craft, Parish and Neighbourhood*. London: Royal Holloway, University of London, 2011 (tese de doutoramento disponível em <https://repository.royalholloway.ac.uk/file/022998f6-8295-56c4-acb7-f0e109d48f8e/10/2011ColsonJRPhD.pdf>), acessado em 17 jan. 2016.

⁸⁴ Ver NOIZET, Hélène. *La Fabrique de la ville. Espaces et sociétés à Tours (IX^e-XIII^e siècles)*. Paris: Publications de la Sorbonne, 2007.

redes de solidariedade que observadas no seu conjunto permitirão esboçar o desenho da sociedade urbana – matizado nas diferentes paróquias da cidade – e traçar as suas transformações ao longo do tempo.

Reflexões finais

Este artigo marca o arranque do programa de trabalhos de um projecto de investigação que tem com objectivo principal o estudo da cidade medieval de Coimbra a partir da sua rede paroquial. Preocupada com as metodologias de investigação a adoptar nos próximos anos, propus-me aqui debater os processos operativos e as diversas aplicações do método prosopográfico, ao longo dos últimos tempos. Para tal, sublinhei a persistência desta metodologia e a sua modernização, através da aplicação das tecnologias da informação que têm possibilitado o alargamento das populações em estudo, quer do ponto de vista quantitativo quer do ponto de vista da sua inserção social. Destaquei, também, que a actualidade desta metodologia assenta nas suas potencialidades de optimização da (por vezes escassa) informação contida nas fontes.

Ao observar a utilização da prosopografia pelos medievalistas, compreendemos o relevante papel desta abordagem para a compreensão das estruturas administrativas do Estado laico; para a percepção das redes de construção e de domínio linhagístico e nobiliárquico; e, mais recentemente, para o conhecimento dos concelhos. Por outro lado, vimos como esta tem sido também aplicada aos elementos da Igreja secular e regular e como, nos últimos anos, se têm *radiografado* diversos cabidos monásticos e catedralícios, de Norte a Sul do País. A informação daí decorrente suscita, hoje em dia, o interesse na realização de uma análise mais global e mais contextualizada da Igreja medieval portuguesa, ainda por fazer.

No decorrer do meu projecto de investigação, pretendo colocar a prosopografia ao serviço do clero das colegiadas de Coimbra: igrejas paroquiais, com um cabido de clérigos seculares, distintas entre si no tamanho, na organização interna e na tipologia de relações pessoais e institucionais que estabeleciam no seu interior e no seu exterior. Ora, depois de analisadas as potencialidades do método prosopográfico na observação deste grupo, tendo como exemplo o cabido de Santa Justa de Coimbra (já por mim analisado em tese de doutoramento), julgo poder projectar as mais-valias da sua extensão às

restantes seis colegiadas da cidade. A prosopografia – pelo detalhe dos percursos biográficos dos elementos de cada um dos cabidos –, dá-nos a compreender o desenho das redes de influência deste grupo social na paróquia; na cidade; dentro das estruturas da Igreja Católica; e no serviço de instituições laicas afectas ao governo do rei. Mas o detalhe destas redes permite ainda o reconhecimento de um conjunto de laicos – serviçais da igreja; mesteiros a habitar na paróquia; oficiais e funcionários do concelho; entre outros – que de outra forma não poderíamos identificar.

A prosopografia servirá, em primeira análise, à identificação e caracterização destes elementos eclesiásticos e laicos, para de seguida permitir a compreensão global da cidade, através da forma como se estabeleciam as dinâmicas sociais, no seu interior. Com vista a essa análise global, interessa passar por uma caracterização individualizada de cada paróquia, visando os perfis sociais respectivos e as formas de religiosidade estabelecidas em cada uma delas. De igual modo, será relevante reconhecer os notáveis laicos do poder urbano, compreender a sua situação no território e que tipos de relações nutriam com estas igrejas paroquiais.

Conhecer os homens para conhecer a cidade passará, pois, por um estudo minucioso e detalhado com vista a contornar, o melhor possível, as omissões das fontes e compreender a cidade medieval na multiplicidade das suas dinâmicas laicas e eclesiásticas, sociais e económicas, materiais e espirituais.